

A TRAMA DA BUSCA SIMÉTRICA EM O MOÇO LOIRO

Roberto Boaventura da Silva Sá (UFG)

Lendo a apresentação de Maria Consuelo Cunha Campos para *O moço loiro*, editado pela Ática, vimos uma “chamada de atenção” aos leitores para a etimologia dos protagonistas. Achemos curioso o detalhe e resolvemos aprofundar um pouco nossos estudos, observando o processo nominativo da obra. Para isso, recorreremos aos estudos da onomástica, ou seja, à questão da antroponímia, principalmente.

Mesmo cômico de que Joaquim Manuel preferia uma leitura uniforme de seus livros, ousaremos discordar do escritor, ladeando-nos ao francês Jacques Derrida, citado por Maria Consuelo, para quem “o próprio da escrita... é o abandono (do pai-autor do texto). Em decorrência, o texto-filho se tornaria um caminheiro errante, e não aquele que segue um caminho traçado pelo pai-autor”¹, proporcionando àquele que lê interpretações dessemelhantes da do criador.

Na aventura de estudar um texto oitocentista, nos dias atuais, o apreciador só pode estar em consonância ampla com o pensamento do Umberto Eco, para quem “a ambigüidade fundamental da mensagem artística é uma constante de qualquer tempo”². Ambigüidade que “exige uma resposta livre e inventiva, mesmo porque não poderá ser realmente compreendida se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor”³.

O MOÇO É LOIRO E O ROMANCE É CLARO

A modernização constante dos tempos tem forçado o ser humano a criar meios tecnológicos que lhe facilitem, suprindo determinadas

ausências, o jeito veloz e nervoso de cada época. Após a concretização de um novo invento, a necessidade primeira foi sempre a de instituir-lhe um nome, procurando encontrar certas características identificadoras do objeto inédito. Depois de nominado, as demais pessoas passam a reconhecê-lo sem maiores problemas.

A preocupação com nominar coisas e seres é algo tão remota que poderemos recorrer à gênese da espécie humana na própria *Bíblia Sagrada* para comprová-la. Afinal, “na sua primeira forma, quando foi dada aos homens por Deus, a linguagem era um sinal das coisas absolutamente certo e transparente, pois que se assemelhavam. Os nomes eram colocados sobre o que eles designavam... pela forma da similitude”⁴.

Na Idade Antiga, nos *Diálogos* de Platão, deparamo-nos com uma discussão importante em que as personagens, Sócrates e Crátilo, versam sobre a problemática do nome em face de um questionamento feito por Hermógenes. Sócrates, após algumas meditações, chega à conclusão de “... que os primeiros atribuidores de nomes não eram espíritos medíocres, porém conhecedores dos fenômenos celestes, e todos eles capazes de altos vãos”⁵. Afinal, observou haver certa coerência em dar este e não aquele nome a um rio, a uma ave e até mesmo a uma pessoa.

Não se contentando com a investigação de superfície, percebeu que “os nomes nunca poderiam ser iguais a coisa alguma, se antes os elementos de que são compostos não tivessem alguma semelhança com a coisa que eles imitam”⁶. Para Sócrates, esses elementos são as letras do alfabeto. A partir daí, começa a exposição de suas impressões sobre cada letra grafada por um símbolo, tentando provar certa lógica significativa dos nomes.

Roland Barthes retomando a idéia de Crátilo e Proust, para os quais os nomes têm a virtude de ensinar, chegando à essência das coisas por seu intermédio, defende o ponto de vista de que o crítico deve “... ler a literatura dentro da perspectiva mítica que fundamenta a sua linguagem, e a decifrar a palavra literária... não como é explicitada pelo dicionário, mas como a constrói o escritor”⁷. Barthes deseja, em suma, que aprofundemos em cada elemento constituinte de uma narrativa. Assim, procuraremos ler *O moço loiro* dentro dessa visão mítica partindo do significado dos nomes Lauro, Honorina, Gil Mendonça, Rui Vaz e Arabela na intenção maior de demonstrar a construção de uma trama de busca simétrica na obra.

O OURO NO PRENÚNCIO DO TRIUNFO

O primeiro aspecto a ser comentado concerne ao título do roman-

ce: *O moço loiro*. Quando nos aproximamos das últimas páginas, todos os segredos vão sendo desvelados. Um deles refere-se ao próprio moço loiro. Descobrimos que o misterioso rapaz é Lauro, expulso pelos seus, acusado de ter furtado a cruz de brilhantes pertencente à família. Durante sete anos, o jovem procura meios para provar a inocência. Paralelamente, achega-se de Honorina, por quem nutre completa veneração. Neste período, todas as ações de Lauro estão envoltas em mirabolantes façanhas.

Sabemos que *Lauro*, dentro dos significados de nomes próprios, está em íntima relação com “loureiro, também ‘coroa de loureiro’, donde ‘palma, vitória, triunfo’, pois das folhas dos loureiros se teciam coroas para premiar os vencedores de jogos e torneios poéticos”⁸. E o que representa Lauro, senão o símbolo máximo do triunfo? Ganha os sentimentos da prima, prova a inocência e salva a família do abismo financeiro armado por Otávio.

Aprofundando ainda mais no real sentido do nome, basta mencionarmos que essas denotações estiveram sempre referidas às competições esportivas e às atividades literárias entre os da Grécia e Roma antiga. O jogo para Lauro era recuperar a honra perante os seus e ter o amor da prima. Como jogador astuto, aguarda o momento exato para lançar a carta correta.

Referindo-se ao triunfo amoroso, o jovem conquista em definitivo o amor da amada com artimanhas literárias. Recordemos a ocasião em que Honorina, isolada, medita para fornecer ao pai uma resposta salvadora ou não da sorte familiar. Entrementes, Lauro faz encaminhar às suas mãos um romance por ele escrito, cujo enredo é autobiográfico dando destaque ao amor que lhe devota. Honorina passa por horas de verdadeiro dilema, pois deverá optar entre o primo Lauro ou o desconhecido moço loiro. Após a leitura, está certa do que responderá ao pai. Opta pelo moço loiro e, desta forma, o rapaz, desconhecido por Honorina e inclusive pelo leitor até o momento da narrativa, vence seu coração também pelos recursos artísticos. Há ainda outro artifício referente às artes no decorrer da obra: a fórmula poética como Honorina sonhara ser amada por alguém. O moço loiro a repete toda vez que contactua com a prima.

No capítulo XVII, a amada de Lauro canta, a pedido de Hugo, para alguns amigos visitantes naquela noite. Ao terminar, em resposta à sua melódia, os que se encontram ouvem, admirados, uma cantiga vinda da praia e, entre outras coisas, a voz do moço loiro, disfarçado em pescador, canta a fórmula poética sonhada por Honorina:

“Lembra, que esse amor de poeta,

Em que pode um'alma arder,
Mesmo acabando na morte
Por força belo há de ser.
Virgem, mede os passos teus;
Mas cede ao — sopro de Deus!..."

(M. L. p. 103)

A carga significativa do nome *Lauro*, no entanto, é bem mais ampla do que aparenta. Revendo Platão, em seus *Diálogos*, perceberemos Sócrates, ao instruir os futuros estudiosos do aspecto antropológico, chamando atenção para a hipótese de não ser rara a necessidade do acréscimo ou da supressão de letras dos nomes.

Bem mais recente, o escritor Graciliano Ramos diz: "em duas horas, escrevo uma palavra... depois, aproveitando as letras deste nome, arranjo coisas absurdas"⁹.

Se caminharmos na trilha de Sócrates e suprimimos a letra /L/ de *Lauro*, que é "loiro", restar-nos-a *auro*, equivalente a "auri", oriundo do latim "aurum", ou seja, ouro. Também o adjetivo *loiro*, de moço, contém a palavra ouro.

Ao pesquisar a simbologia apropositada a *ouro*, vemos que esse é o "quarto estado". Assim, para o metal atingir seu aspecto magno, ou seja, o "todo superior", "a glorificação", em termos simbólicos, deve ter passado pelo primeiro estágio, simbolizado pela cor *negra* (culpa, penitência); pelo segundo, de cor *branca*, que é o perdão, a inocência; e pela cor *vermelha*, terceiro momento, índice da sublimação e paixão, no sentido de sofrimento¹⁰.

Para Cassirer, "em lugar de medir o conteúdo, o sentido, as verdades das formas intelectuais por algo alheio, que deva refletir-se nelas mediatamente, cumpre descobrir nestas próprias formas, a medida e o critério de sua verdade e significação intrínseca"¹¹.

Se estivéssemos impossibilitados de realizar outras reflexões, bastariam estas para, intrinsecamente, explicarmos a trama de *O moço loiro*. Afinal, Lauro, no primeiro estado recebe a culpa pelo desaparecimento da cruz. Responsabilidade impositiva de uma penitência: exclusão do lar e o conseqüente desprezo da família. Num segundo estado, Lauro aceita os conselhos maternos e sai em demanda da inocência. No penúltimo, encontramos a personagem no estágio da paixão, como numa "via crucis", por árduos, repletos de obstáculos para, através da sublimação, atingir último estado: tornar-se, perante os demais, o "glorificado", o "todo superior".

Há ainda que se observar o aspecto da claridade surgido por meio do adjetivo *loiro*. Já falamos que esse qualificativo apresenta consigo o lexema *oiro*, variante da palavra *ouro*. Sabemos ser o refe-

rido metal também símbolo de luz solar. Novamente perguntamos: o que significa o moço loiro senão para toda a família Mendonça ao salvá-la do abismo financeiro?

Agora, se direcionarmos a atenção à simbologia das letras componentes do nome de Lauro, temos:

- L — poder
- A — cone, montanha, pirâmide
- U — cadeia de Júpiter
- R — cajado de pastor
- O — perfeição, disco solar¹²

Ouro também é símbolo de poder /L/ e perfeição /O/. Lauro é perfeito em cada passo dado para atingir todos os objetivos. Alcança o poder no amor e na questão financeira.

As letras internas /A U R/ seguem a mesma rota significativa de poderio e perfeição que as duas externas sugerem. Da letra /A/, "... em seu aspecto total, a montanha fulgura branquíssima, o que a identifica como montanha polar e imagem sintética da totalidade (pirâmide, tendendo à unidade (cimo))"¹³. Vez mais a claridade de Lauro é reforçada com o "branquíssima". Montanha branca que, simbolicamente, está em ligação com a inteligência e a pureza — também características do filho de Clemência —, sendo isto o ponto máximo que domina o Olimpo, monte destinado a Júpiter /U/, que dirigia com sapiência os homens e os próprios deuses. O /R/, sendo o cajado de pastor, simboliza igualmente o poder e a perfeição. "Cajado", além de ser a imagem do poder, remete-nos ao elemento "pastor", ou seja, o guia. Com incrível astúcia, Lauro, mesmo estando longe de seus familiares, é aquele a ter inteligência bastante para manobrar-lhes os passos, evitando a queda dos Mendonça no precipício armado por Otávio.

Desta maneira, todas as letras do nome *Lauro* conduzem a um caminho: poder e perfeição. Observamos, por outro lado, que, das letras internas desse nome /A U R/, se lidas de forma inversa, obteremos a palavra /R U A/. Lauro vê-se na *rua*, sem *lar*, vocábulo também contido nas letras de seu nome, quando é acusado por Félix.

Percebemos, ainda, o detalhe da fragmentação do *lar* — /LA R/ — em oposição ao aspecto retilíneo da palavra *rua* /AUR/ de seu pronome, mesmo que invertida. À personagem resta a cisão com o *lar* após as acusações que são feitas e, em consequência, a *rua* é a única saída de início.

O binômio opositor *rua/lar* auxilia no desvendamento da existência da personagem. "Rua", num primeiro instante, assum o significado

de desprotegido e marginalizado. Com o decorrer do tempo, passa a ser o trajeto glorioso da personagem em direção à reconquista de sua essência quase anulada com o exílio do lar. Afinal, a partir dali, poderá novamente assinar o sobrenome da família que era formada por três componentes: Ema de Mendonça, Hugo e Honorina, etimologicamente, o nome de Gil Mendonça.

A (LIG)ação hierárquica está relacionada com a personagem *Gil*, afinal as três letras de seu nome, de forma inversa, constituem o radical do verbo /LIGar/. Gil foi, além de elo entre passado e presente familiar apresentado pela narrativa, o iniciador de uma tradição.

Na promessa de conseguir uma herança à família, Gil Mendonça, o primeiro da linhagem a ser conhecido pelo leitor, através de uma narração histórico-familiar que Ema faz à neta Honorina, acaba, no ato proposto, permitindo a concretização da etimologia de seu nome.

O nome *Gil* é uma forma abreviada de *Egídio*, do latim "Aegidius" que significava 'cabra', 'pele de cabra', e que por sua vez veio a significar 'couraça ou escudo coberto de cabra', e também 'protetor', proteção"¹⁴.

Pesquisando o sentido simbólico de cabra, vemos que o macho desta tornou-se no decorrer da história da humanidade, símbolo e sacrifício, sofrimento, paciência e trabalho. Há quem veja sua imagem reduzida à cabeça e, por isso, entre os chifres surge, além de outros, a representação da cruz.

Portanto, é axiomática a relação texto-simbologia. Se não vejamos: Gil Mendonça entrega-se por completo, em busca da fortuna para a filha Isabel, numa vida de sofrimentos e trabalho. Decorrem-se oito anos de pacienciosa e perseverante labuta até que, no caminho entre Provença e Aix, Gil encontra uma capela distante do povoado. Adentra na ermida e ali está o altar de seu sacrifício final que lhe vem de forma trágica. Antes de morrer apodera-se, depois de lutar dentro do templo sagrado, de uma valiosa cruz, designativa do sacrifício de morte. Mas a cruz obtida por Gil terá, além de material, valor talismânico, a verdadeira marca protetora da família.

Por sua vez, não podemos desprezar o "dius" contido em "Aegidius". "Dius", em latim, além de significar "divino", relaciona-se ainda com "luminoso", "precioso". É, pois, Gil o primeiro a iluminar, no decorrer dos tempos, a trajetória de sua família. Deus é, conforme o cristianismo, símbolo de proteção aos seus filhos. Exatamente isso é o que será Gil Mendonça na narrativa de *O moço loiro*. Quanto ao sobrenome, neste trabalho, serão aceitas duas vertentes. A primeira afirmando ser *Mendonça* um cognato de *Mendo*, ou "o que há de ser advertido"¹⁵ e, ainda, *Merendus*, aquele "que há de ser merecedor"¹⁶.

Se virmos *Mendonça* como um derivado de *Mendo*, devemos ter atenção à sutileza e mesmo subjetividade do significado. A “advertência” que os Mendonça deviam receber veio, consoante a obra, da providência divina. Para comprovar, basta recordarmos o episódio ocorrido na pequena igreja entre Gil e os devastadores do templo. Fato a intertextualizar ligeiramente a passagem bíblica dos vendilhões. Gil poderia ter passado por um outro caminho qualquer, porém a advertência de Deus não permitira. O esposo de Arabela entra e encontra a cruz que passa a pertencer à família. Assim, a providência celestial salva aquele grupo do infortúnio financeiro e da própria condição desonrosa para os códigos medievais.

Em sentido oposto, se a preferência do sobrenome recair para *Merendus*, a simbologia estará toda direcionada à personagem Lauro. Afinal, acusado de furto, não mede esforços para demonstrar o contrário. Na luta ininterrupta, caminha durante sete anos perseguindo, agora, não a fortuna para a família, como fizera seu ancestral, mas atrás do próprio tesouro interior: a honra maculada. Assim acontecendo, identifica-se extremamente com o pai de Isabel, pois tem o mérito de resgatar, na difícil missão, as três fundamentais riquezas perseguidas.

Do interior da palavra *Merendus*, extraímos, o vocábulo *éden*. Aqui, retomamos a idéia do ouro que, para atingir o estado de perfeição, tem de vencer os três anteriores. Lauro é o próprio ouro sugestionado por seu nome. O jovem, passando por árdua caminhada, torna-se o reconhecido merecedor de éden construído por si mesmo, após sujeitar-se a um período de “purgação”.

Quanto à protagonista *Honorina*, seu nome provém de “*Honorinus*”, deus da honra. Em outras palavras, a digna de honra, glória. O termo “honra”, também está relacionado com honestidade e pureza, além de sugerir as idéias de culto e veneração.

As denotações transcritas estão literalmente compatíveis com tudo o que envolve a personagem. De início, as honras recebidas pela neta de Ema, referem-se às suas atrações físicas. A jovem quando, ladeada por Raquel, chega ao sarau na casa de Tomásia, deixa os convidados boquiabertos perante sua beleza:

“Com efeito o triunfo era dela”. (*M. L.*, p. 72)

... a prova de que Honorina recebia as honras da noite é que todos os olhos estavam fitos nela como querendo beber seus movimentos”. (*M. L.*, p. 74).

A real dimensão de culto, veneração por Honorina, fica explícita no “querendo beber seus movimentos”. A adorada de Lauro atrai

para si todas as atenções. Em decorrência, a personagem *Lucrecia* que, etimologicamente, significa aquela que exerce atração sobre os demais¹⁷, sendo jovem, viúva e sentindo-se ferida em seu orgulho, por vingança, através de algumas articulações traiçoeiras, tentará macular a pureza e castidade de Honorina. De repente, a viúva nota a perda da posição de destaque máximo, porém a amada do moço loiro nunca estivera só, tendo a honra de ser, por ele, salva de calúnias e, conseqüentemente, manter suas virtudes intactas. Contudo, a filha de Hugo queria apenas a veneração do amado desconhecido que a cultua do início ao epílogo da obra, fazendo variados disfarces para dela se aproximar.

Um aspecto referente à flória de Honorina está ligado à melhor amiga, Raquel que também amava, embora em silêncio, ao mesmo rapaz ignorado. Porém renuncia à felicidade para não ver a amiga em sofrimentos. Na abdicação de Raquel, a glória da conquista de Honorina é límpida.

Os arranjos dos nomes, entretanto, conclamam a mais uma reflexão. “Hon/ORI/nus” contém exatamente no seu interior, a palavra *rio*, transcrita desordenadamente. Conforme o *Dictionnaire des symboles*, “os rios são para os gregos objetos de culto...”¹⁸ Não era a perfeita dimensão de culto dedicado por todos à filha de Hugo e, em particular, do moço loiro? Portanto, as letras centrais da composição de seu nome, como que jorrando de dentro de si própria, são as verdadeiras responsáveis pelas ações de veneração que os demais demonstram sentir, endeusando-a, numa semelhança, outra vez, aos gregos que viam os rios de forma divinizada por serem filhos do Oceano, pai das Ninfas.

Na seqüência de nosso estudo, verificaremos a coerência nome-simbologia de mais duas personagens: Arabela e Rui Vaz. Arabela é a personagem que, em dado instante de sua vida, fez a opção para o casamento entre dois pretendentes: Gil Mendonça ou Rui Vaz. A decisão recaiu sobre o primeiro: pobre, mas conquistador de seu amor.

O étimo de *Arabela* é controvertido. De acordo com uma inspiração religiosa, “belo altar”. Para J. J. Nunes, *Arabela* é a “encantadora, graciosa”¹⁹. À primeira vista o autor escolheu o nome em função da última referência:

Arabela porém era o que dizia a terminação de seu nome: tão encantadora e engraçada. (*M. L.*, p. 43)

Ainda o étimo “belo altar” não deve ser menosprezado. Sabemos que *altar* pode ter duplo sentido: lugar de destaque em um templo

e também o local onde acontecem os sacrifícios. Arabela assume as duas significações. É destaque devido à beleza e humanidade, mas é também símbolo e abnegação. Novamente, outro dúplice apresenta-se-lhe fazendo de sua vida um contínuo sofrer: casa-se com Gil Mendonça, tem uma vida pobre, cheia de obstáculos, cria, sozinha, a filha Isabel, após a partida do esposo. Assim, sinonimiza sacrifício para Gil que, ao final da busca, receberá a morte. E sacrifício e sofrimento, ainda, para Rui Vaz, ao preteri-lo em favor do concorrente Gil. Afinal, *Rui* é forma popular portuguesa de Roderico, “senhor da glória”²⁰. Basta mencionarmos que Rui Vaz era rico e sentia nisso um trunfo para uma possível vitória sobre o riva. No entanto, o sobrenome lhe dará a tônica de sofrimento. *Vaz* significa “corvo, do Prado”²¹.

Rui Vaz vendo-se derrotado em seu intento, refugia-se no campo e torna-se um monge solitário em uma capela distante de qualquer povoado entre as cidades Aix e Provença e passa, desde então, a ser uma vida semelhante à de corvo, ave indicadora, dentre outros, da solidão e do mensageirismo. Rui, ao escolher uma vida bucólica para estar só e com os pensamentos em Arabeia, acaba tornando-se, por capricho do destino, o mensageiro de Gil, anunciando-lhe a morte do esposo ao entregar à Isabel a relíquia que passará a ser “a cruz da família”.

CONCLUSÃO

Na proporção em que lemos e observamos os detalhes simbólicos impregnados na obra *O moço loiro*, percebemos, como eixo movedor, a temática da busca. Procura acontecida de forma simétrica, ou seja, Gil e Lauro, passado e presente da narrativa, perseguem, “a priori”, o mesmo objeto a cruz. Simetria continuada nas personagens Arabela, esposa de Gil Mendonça, e Honorina, prima e adorada de Lauro.

O paralelismo tem início já na nomeação de cada uma das personagens. Se Gil Mendonça carrega em seu étimo e simbologia a virtude de ser o protetor familiar, caminhando, com paciência, durante oito anos e passando por todos os sacrifícios, Lauro de Mendonça também será a “luz”, lexema refletido do “ouro” de *Lauro*, para a mesma família depois de peregrinar sete anos.

A busca de ambos acontece mais ou menos pelas mesmas circunstâncias. Gil, após ter sido o preferido dentre um outro pretendente, por Arabela, promete-lhe fortuna à família, para que esta seja honrada no decorrer dos dias. Lauro, responsabilizado pelo desaparecimento da cruz, compromete-se com a recuperação da honra perdida apresentando a todos o verdadeiro ladrão. A procura de Lauro reveste-se

de maior ênfase quando sente que é o escolhido pela prima, não obstante mostrar-se apenas com os disfarces por ele criados. Quando Gil conquista a cruz, ela ganha também valor talismânico porque é símbolo real de propriedade e segurança. Lauro, ao recuperá-la, devolve à família a proteção que lhe fora bruscamente subtraída.

Tratando-se das duas companheiras, a paridade continua ao mesmo diapasão através da onomástica. Arabela é “a graciosa, a encantadora” e, ainda, o “belo altar”, ou seja, ponto de destaque num templo. Se o destaque de Arabela acontece devido à beleza física e à nobreza de caráter, Honorina nada mais é do que a digna de honras. Virtude ligada tanto à beleza física quanto à índole moral.

Se Arabela, em dado momento, escolheu Gil (rapaz pobre) ao invés de Rui Vaz (jovem possuidor de enormes dotes), Honorina opta pelo moço desconhecido que, na sua ignorância dos fatos, era desprovida de recursos econômicos, descartando qualquer oportunidade de unir-se a Otávio (que a compraria para salvar a família).

Aparentemente, o desfecho dos acontecimentos que envolvem os dois casais na intriga da obra parece destruir-lhe o paralelismo perfeito. Entretanto, o que parece ser “oposição”, na essência, é apenas “justaposição”*, ou seja, depois de tantas simetrias ousamos afirmar que Lauro e Honorina incorporam, em termos de narrativa, no presente, Gil e Arabela, de forma respectiva. Se Arabela aguardou em sua solidão a volta do esposo, Honorina fez o mesmo em relação ao moço ignorado.

A morte de Gil é, conotativaente, sua conquista num plano superior, ao passo que a vitória de Lauro é reconquistar a cruz e casar-se com Honorina e assim, metaforicamente, concretizar também o “casamento” de seus ancestrais.

* Os termos “oposição” e “justaposição” foram extraídos do título “Opostos, mas Justapostos”, para a apresentação que Zenir Campos Reis realizou para obra de O ateneu, de Raul Pompéia, da Editora Ática.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAMPOS, Maria C. Cunha. “O Moço Loiro: a cena de família e a cruz de brilhantes”. In: Apresentação a *O Moço Loiro*, São Paulo, Ática, 1981, p. 5.
2. ECO, Umberto. *Obra Aberta*, S. Paulo, Perspectiva, 1976, p. 25.
3. Idem, p. 41.

4. GÊNESIS, 2, 19-22.
5. PLATÃO. "Crátilo". In: *Diálogos*, Trad. Carlos A. Nunes, Belém, UFPÁ, 1973, p. 143.
6. Idem, p. 185.
7. BARRHES, Roland. "Proust e os Nomes". In: *Novos Ensaios Críticos*, São Paulo, Cultrix, 1974, p. 67.
8. GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, 3 ed., SP, Ed. Ave-Maria, 1981, p. 159.
9. RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 16 ed., SP, Martim Fontes, 1973, p. 20.
10. CIRLOT, Juan — Eduardo *Diccionario de Símbolos Tradicionales*, Barcelona, Espanha, L. Mirade ed., 1958, p. 327-8.
11. CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. 2 ed., SP, Perspectiva, 1985, p. 22.
12. CIRLOT. Op. cit., p. 264.
13. Idem, p. 296.
14. GUÉRIOS. Op. cit. p. 108.
15. Idem, p. 175.
16. Ibidem, p. 175.
17. Ibidem, p. 165.
18. CHEVALIER, J., e CHEERBRANT, A. *Dictionnaire des Symboles*, Paris, França, R. Laffont Jupiter, s/d, p. 450.
19. GUÉRIOS, Op. at. p. 59.
20. Idem, p. 213.
21. Ibidem, p. 245.